



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

CAM



Galápagos



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

CAM



Galápagos

19 abril > 7 julho 2013

**CAM – Hall, Nave, Sala A e B,
Galeria de Exposições Temporárias e Sala Polivalente***

19 April > 7 July 2013

**CAM – Hall, Level 0, Room A and B,
Temporary Exhibition Gallery and Multipurpose Room***

***Instalação de Kaffe Matthews até 2 de junho**

***Installation by Kaffe Matthews until 2 June**

O Programa de Residências Artísticas Gulbenkian Galápagos e a exposição *Galápagos* foram organizados pelo Fundo para a Conservação das Galápagos em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian. Os projetos receberam apoios adicionais da Charles Darwin Foundation e do Natural History Museum.

The Gulbenkian Galápagos Artists' Residency Programme and *Galápagos* exhibition were organised by the Galapagos Conservation Trust in partnership with the Calouste Gulbenkian Foundation. Additional support has come from the Charles Darwin Foundation and the Natural History Museum.

CRONOGRAMA DAS RESIDÊNCIAS DOS ARTISTAS TIMELINE OF ARTISTS' RESIDENCIES

Dorothy Cross

Visitou em abril de 2007 | Visited April 2007

Marcus Coates

Visitou em abril-junho de 2008 | Visited April – June 2008

Jyll Bradley

Visitou em novembro de 2008 | Visited November 2008

Kaffe Matthews

Visitou em abril-maio de 2009 | Visited April – May 2009

Alison Turnbull

Visitou em outubro-novembro de 2009 | Visited October – November 2009

Alexis Deacon

Visitou em novembro-dezembro de 2009 | Visited November – December 2009

Semiconductor

Visitaram em janeiro-fevereiro de 2010 | Visited January – February 2010

Paulo Catrica

Visitou em outubro-novembro de 2010 | Visited October – November 2010

Jeremy Deller

Visitou em novembro-dezembro de 2010 | Visited November – December 2010

Tania Kovats

Visitou em dezembro de 2010 | Visited December 2010

Filipa César

Visitou em abril-maio de 2011 | Visited April – May 2011



Marcus Coates, *Blue-footed booby*, Puerto Ayora, Santa Cruz, Galápagos, 2008
Foto | Photo: Elke Hartmann
Cortesía do artista, da Galeria Kate MacGarry, Londres e da Galeria Workplace, Gateshead
Courtesy of the artist, Kate MacGarry Gallery, and Workplace Gallery, Gateshead
Coleção British Council | British Council Collection

Imaginando as Galápagos: o artista no sistema da natureza

As Ilhas Galápagos são conhecidas como um laboratório do mundo natural: um mostruário de como espécies de plantas e de animais se fixam no meio ambiente, se adaptam a ele e nele coexistem num sistema integrado. O estatuto icónico das Galápagos deve-se, em parte, ao papel inspirador que exerceu em Darwin para a sua teoria da evolução. Esta reputação é atestada pela imensa biodiversidade intocada em grande parte das Ilhas, bem como pela transparência de como se tornaram naquilo que são: viajar pelas Galápagos é, literalmente, observar como funciona o mundo natural – a interdependência da geologia, da botânica, da terra e da vida marinha e, mais recentemente, o complexo impacto de uma das espécies mais invasivas, os humanos.

O Programa Residência Artística Gulbenkian nas Galápagos iniciou-se partindo de duas premissas fundamentais: em primeiro lugar, os humanos são não só consumidores privilegiados do mundo natural, mas também participantes activos e, portanto, responsáveis; em segundo lugar, a arte é um comportamento humano central, portanto natural. Este ensaio, inspirado no envolvimento que os artistas tiveram com as Galápagos, aprofunda estas duas asserções. O arquipélago é famoso pela sua construção física – as ilhas emergiram de vulcões no leito oceânico e, ao longo de milénios, deslocaram-se lentamente por uma falha, ou “banda transportadora” tectónica, através do leito oceânico. As ilhas mais recentes têm cerca de meio milhão de anos, mas incluem vastas extensões de lava arrefecida que parece ter deixado simplesmente de correr (a última erupção mais forte foi na Ilha Fernandina, em 2009), enquanto as mais antigas possuem áreas de uma maturidade igualmente impressionante de forma e de vegetação. Ao longo dos últimos quatro ou cinco milhões de anos, as formas de vida de plantas e de animais encontraram o seu caminho para as Galápagos vindas do continente sul-americano ou de paragens ainda mais longínquas. Precisavam de estar preparadas para viajar, com alguma sorte serem transportadas pelos ventos ou por correntes apropriadas e, de algum modo, capazes de encontrarem um refúgio no meio ambiente agreste onde pudessem adaptar-se e sobreviver.

Mas as Galápagos são também um constructo mental. Física ou virtualmente, as pessoas levam para as ilhas um conhecimento parcial ou uma imaginação mais ou menos intensa. A transferência começa pelos nomes: as ilhas têm nomes quer ingleses, quer espanhóis que celebram piratas, exploradores, nobres, reis e santos, todos eles ecos de culturas coloniais e do Equador moderno. As Galápagos são verdadeiramente invulgares, pois não possuem uma cultura autóctone. A partir do século XVI, as Ilhas foram visitadas por exploradores, piratas e baleeiros, sofreram algumas tentativas goradas de povoamento e de cultivo no século XIX e, gradualmente, ao longo dos últimos cem anos, têm acolhido a pesca, o turismo e a investigação científica. Estas indústrias são desenvolvidas por pessoas que trazem com elas os seus próprios hábitos e pretensões culturais, prosseguindo a necessidade humana, mais ou menos consciente, de conjugar a sua presença no seio de uma sociedade e de um

meio ambiente. O aparecimento da cultura assemelha-se a uma versão acelerada do aparecimento de novas espécies animais e vegetais: as novas formas de vida dão à costa ou são sopradas pelo vento. Umas sobrevivem e integram-se, outras não; todas se transformam em algo especialmente adaptado ao lugar. O vídeo de Jeremy Deller sobre a luta de galos nas Galápagos é pateticamente irônico, pois mostra os seus participantes apegados a uma versão da “sobrevivência do mais forte”, versão essa que lhes é familiar desde a sua terra natal, no continente.



Jeremy Deller, *Cock Fight*, 2010 (still)
Cortesia do artista | Courtesy of the artist

Apesar de icônica na imaginação do mundo, a identidade cultural das Galápagos é ainda escassa e pouco profunda. Na opinião de um equatoriano continental que conheci num voo de Miami para Guayaquil, é o Paraíso puro e simples, um destino dourado para o desenvolvimento económico e um orgulho nacional. No seu romance satírico *Galapagos* (1985), Kurt Vonnegut também descreveu as Ilhas como uma espécie de paraíso que, acidentalmente, se torna o destino final de um grupo de turistas naufragados, os últimos progenitores da humanidade, na sua fuga ao fim do mundo. Por sua vez, Herman Melville, que viajou até às Ilhas com os baleeiros, descreveu *As Encantadas* (*As Ilhas Encantadas*, 1854) como um local cruel e desolador, a paisagem vulcânica negra denteada povoada por lagartos e caranguejos negros, a única manifestação humana existente nessas histórias de deserção, traição, perda e desilusão. Também Darwin, embora profundamente influenciado por aquilo que ali viu, escreveu sobre as Galápagos sem qualquer resquício de sentimento ou afeto. Filipa César, uma das artistas do programa de residência, utilizou a moldura de um mundo fictício para a sua meditação sobre imagens das Galápagos do passado e do presente, reconhecendo, desde o início, que as Ilhas Encantadas são um significante, um recetáculo prestes a ser preenchido por

crenças e sonhos. A característica principal das Ilhas é serem, simultaneamente, um espaço de magia e um local da mais crua verdade. A sua magia reside precisamente na revelação de verdades iluminadas por mitologia ou convenção.

Dorothy Cross, na sua primeira visita às Galápagos há quase 20 anos, recordou um lugar onde os animais coexistiam praticamente sem medo. Isto aumentava a irrealidade do lugar, sendo, contudo, central à sua realidade. No seu regresso em 2007, apercebeu-se de que a ausência de medo se havia alterado, como consequência das depredações humanas. As citações que Cross e Fiona Shaw, sua companheira de viagem, extraíram de *A Tempestade* nas suas conversas sobre as Galápagos parecem particularmente ajustadas a este contexto – uma ilha povoada de animais e de espíritos que formam uma ecologia coerente, para não dizer fantástica, na qual tropeça um grupo de humanos naufragados completamente estranhos ao ambiente, mas que tentam impor as suas estruturas de poder. A ilha de Shakespeare é um lugar de magia e de dura realidade que, à força de ser observada por humanos, se transforma igualmente num lugar de artifício.

Não existe uma visão não-cultural das Galápagos – apenas visões mais ou menos informadas e culturalmente diversificadas. Os registos fotográficos de Paulo Catrica dos edifícios nas Galápagos constituem um testemunho eloquente sobre este assunto: retratos comovedores de estruturas inacabadas que procuram afirmar-se, traindo, não obstante, referências arquitetónicas e pretensões culturais ternamente importadas.



Paulo Catrica, *Estación Terrena*, 2000
Cortesia do artista | Courtesy of the artist



Alexis Deacon, *Lonesome George*, 2009
Cortesia do artista | Courtesy of the artist

Os humanos utilizaram sempre este laboratório mágico para os seus objetivos mais imediatos: sacam os seus recursos naturais, sejam eles baleias, tartarugas ou pepinos-do-mar, até não existir praticamente mais nada para sacar; instalam uma base aérea norte-americana estrategicamente situada para vigiar o Pacífico e proteger o Canal do Panamá; proporcionam mesmo um esconderijo à família Angermeyer, fugida da Alemanha nazi no final dos anos 30, e que ali viveu à boa maneira de Robinson Crusoe. Contudo, o funcional e o ficcional sobrepõem-se e alimentam-se mutuamente. Os sonhos têm uma função ao ordenarem a profusão de informações e de emoções nas nossas mentes. Artes visuais, literatura, música e outras formas de representação e interpretação ajudam igualmente a moldar a compreensão (e, consequentemente, o comportamento) em torno das relações sociais complexas. *Human Report*, o vídeo de Marcus Coates, originalmente feito durante a sua estadia em Santa Cruz, em 2008, e transmitido na televisão das Galápagos, clarificou essa questão ao inverter os papéis, com o artista graciosamente disfarçado de ganso-patola-de-patas-azuis e visitando a população humana numa tentativa de compreender os seus estranhos costumes.

Muitos dos artistas visitantes ficaram bastante felizes por poderem trabalhar a níveis que cruzavam os reinos da imaginação e da função específica. Alexis Deacon, por exemplo, considerou perfeitamente natural oferecer os seus consumados talentos de desenhador para ajudar com o material de *marketing* que a Fundação Charles Darwin produziu durante a sua estadia. Jyll Bradley, em retribuição à abertura demonstrada pelos cientistas botânicos

face ao seu interesse pela investigação das espécies de plantas endêmicas, disponibilizou o seu trabalho fotográfico para publicação em trabalhos dos cientistas e em programas de comunicações. A curta-metragem de Marcus Coates, improvisada pouco tempo depois da sua chegada a Puerto Ayora e transmitida durante a sua estadia, representou não só um forte envolvimento, mas também uma obra de arte serena e reservada. Kaffe Matthews, depois de mergulhar com tubarões-cabeça-de-martelo para explorar as suas ideias sobre rastreamento e sonificação de tubarões, promoveu *workshops* educativos com jovens na Ilha Isabela que serviram para desmitificar um tema de medo local e falta de conhecimento.

Ruth Jarman e Joe Gerhardt, dos Semiconductor, trabalham regularmente em colaboração com cientistas e articulam muito facilmente diferentes disciplinas científicas (sobretudo geofísica, como se viu nas Galápagos). A sua área de investigação oferece uma pista para os paralelismos interdisciplinares que este ensaio propôs. O comportamento dos prótons e dos neutrões é normalmente explicado através da física; o das células e dos animais, através da biologia; o dos humanos, através das ciências sociais, como a psicologia, a sociologia ou a economia. Seguramente, a certo nível, existe uma ligação e um elo comum que não banalizam a integridade da ação humana, nem antropomorfizam outras formas de comportamento consequente. As Galápagos, o laboratório da natureza, mostram-nos como o comportamento humano é uma parte intrínseca da natureza que causa um tão grande impacto. A prática artística pode existir num espectro que vai, digamos, da intuição privada à propaganda declarada – qualquer das vias é uma ferramenta para a compreensão, útil apenas quando engenhosa e criteriosamente usada. A sobrevivência ou a destruição das Galápagos, e do mundo mais vasto do qual as Ilhas são um tão emblemático microcosmos, dependerão de como as ideias cumulativas e as ações dos humanos – como indivíduos, comunidades, nações e grupos de interesse – se podem conjugar de modo a fazer nele o lugar das nossas espécies finalmente sustentável.

Greg Hilty

Excerto do texto publicado no catálogo da exposição: *Galápagos*, Londres: Fundação Calouste Gulbenkian, UK Branch, 2012.



Kaffe Matthews, *A fisherman on Galápagos*, 2011 (still)
Cortesia do artista | Courtesy of the artist



Semiconductor, *Worlds in the Making*, 2011 (still)
Cortesia do artista | Courtesy of the artist

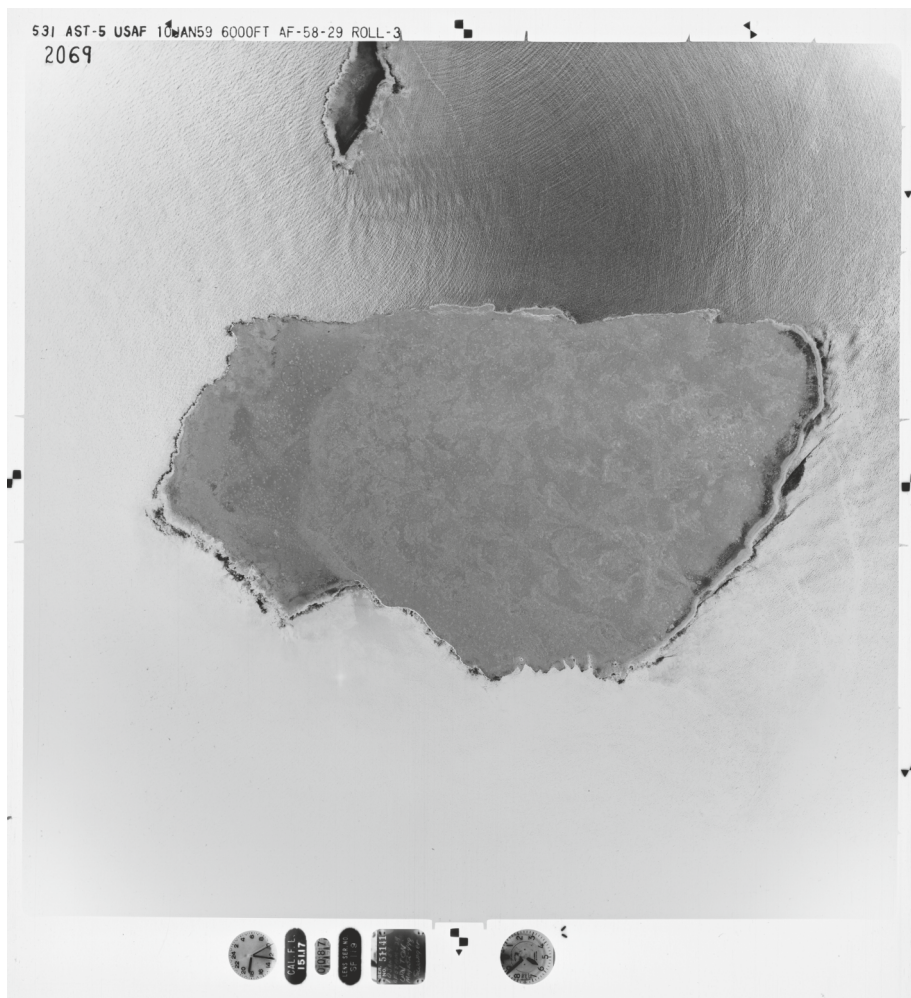


Imagining the Galápagos: the artist in nature's system

The Galápagos Islands are renowned as a laboratory of the natural world: a showcase for how animal and plant species become established, adapt to their environment and coexist in an integrated system. The iconic status of the Galápagos is due in part to its inspiration for Darwin's thinking about evolution. This reputation is secured by the largely unspoiled biodiversity of the Islands and the transparency of how they have become what they are: to travel through the Galápagos is literally to see how the natural world works – the interdependence of geology, botany, land and marine life, and, more recently, the complex impact of the most significant invasive species, humans.

The Gulbenkian Galápagos Artists' Residency Programme was initiated on two essential premises: first, that humans are not just privileged consumers of the natural world but active and therefore responsible participants in it; second, that art is a central human and therefore natural behaviour. This essay explores these two assertions, drawing on the engagement with the Galápagos by the artists in the programme.

The archipelago is famous as a physical construct – its islands rose out of volcanoes in the sea and move slowly over the millennia via a tectonic 'conveyor belt' across the ocean floor. The newest islands are about half a million years old but include large tracts of cooled lava that appear to have just stopped flowing (the last major eruption was on Fernandina Island in 2009), while the oldest have areas of equally startling maturity of form and vegetation. Plant and animal life forms have found their way to the Galápagos over the past four or five million years from mainland South America or further afield. They needed to be ready to travel, lucky enough to be carried by the right winds or currents, and somehow able to find a niche within the harsh environment to adapt and survive. But the Galápagos are also a mental construct. People bring their partial knowledge and more or less intense imaginings to the Islands, physically or virtually. The transfer begins with naming: the islands have both English and Spanish names – commemorating pirates, explorers, noblemen, royalty and saints – resonant to both colonial cultures and modern Ecuador. The Galápagos are highly unusual in not having an indigenous culture. The Islands were visited from the 16th century by explorers, pirates and whalers, saw some failed attempts at settlement and cultivation in the 19th century, and increasingly over the past hundred years have supported fishing, tourism and scientific research. These industries are carried out by people who bring their own cultural assumptions and habits with them, pursuing the more or less conscious human need to articulate their presence within a society and an environment. The appearance of culture is like an accelerated version of the appearance of plant and animal species: new forms are washed up or blown in; some take, some don't; all mutate into something specially adapted to the place. Jeremy Deller's video of cock-fighting on the Galápagos is touchingly ironic, showing its participants clinging to a version of 'survival of the fittest' with which they are already familiar from their mainland home.



Filipa César, *Line 14 Area AN8 #2069*, from the National Archives, Washington, 2012
 Cortesia da artista | Courtesy of the artist

Iconic as the Galápagos is in the world's imagination, its cultural identity is still sparse and shallow. In the eyes of the mainland Ecuadorian I met on a flight from Miami to Guayaquil, it is Paradise pure and simple, a golden destination of economic aspiration and national pride. Kurt Vonnegut, in his satirical novel *Galapagos* (1985), also described it as a kind of paradise that by chance becomes final home to a shipwrecked group of tourists escaping the end of the world, mankind's last progenitors. Herman Melville, who travelled there with the whalers, depicted *The Encantadas* (The Enchanted Isles, 1854), by contrast, as a cruel and desolate place, its jagged black volcanic landscape populated by black lizards and black crabs, the only human engagement conveyed through tales of desertion and betrayal, loss and disappointment. Darwin, too, though profoundly influenced by what he saw there, wrote of the Galápagos with no trace of sentiment or affection. One of the

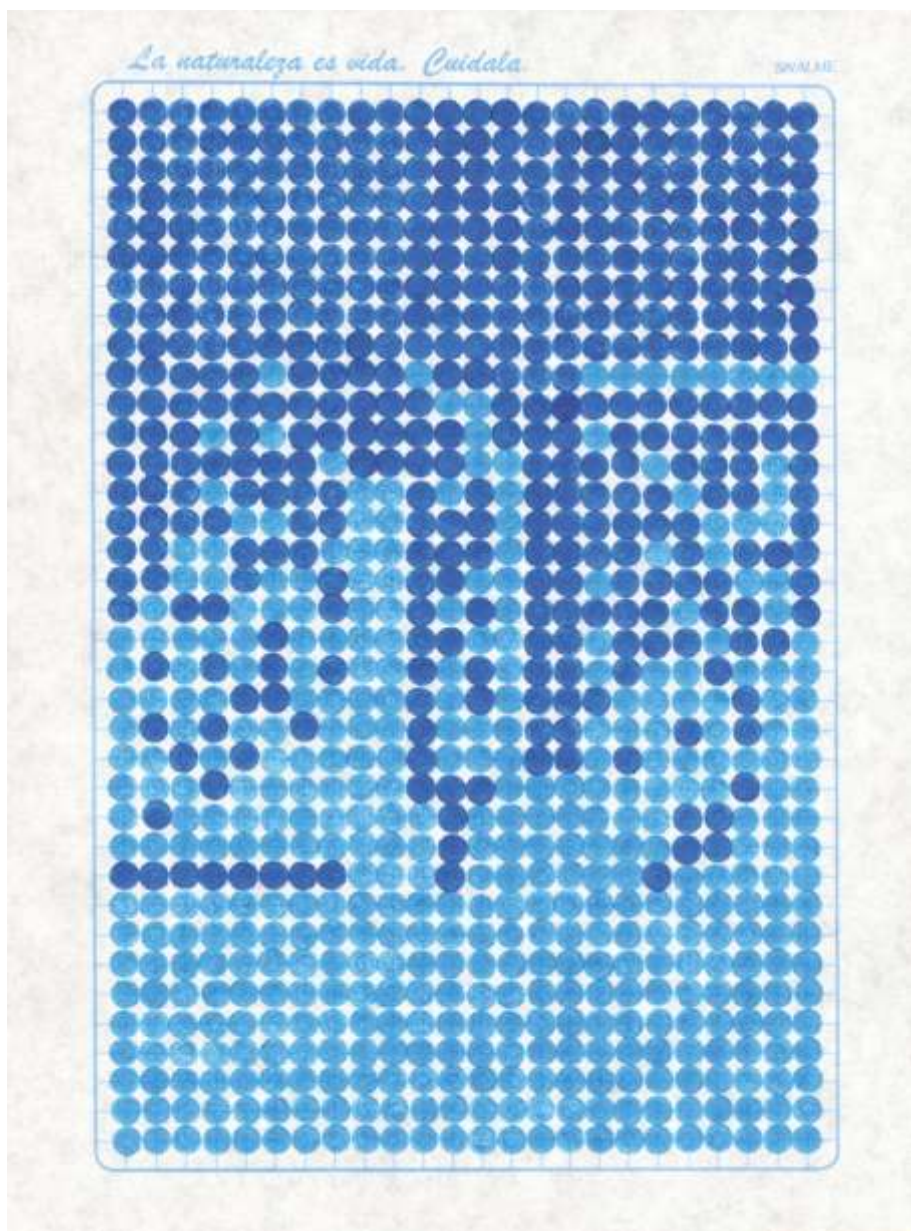
Galápagos residency programme artists, Filipa César, has employed the framework of a fictional world for her meditation on images of the Galápagos past and present, recognising from the start that the 'Enchanted Isles' are a signifier, a receptacle waiting to be filled with dreams and beliefs. The Islands' character is simultaneously a space of magic and a place of rawest truth. Their magic is precisely that of revealing truths unobscured by mythology or convention.

Dorothy Cross recalled from her first visit to the Galápagos nearly 20 years ago a place where animals coexisted virtually without fear. This added to the unreality of the place, yet was central to its reality. On her return in 2007 she perceived the fearlessness altered in response to human depredations. The quotations that Cross and her travel companion Fiona Shaw took from *The Tempest* in their conversations on the Galápagos seem particularly apt in this context – an island populated by animals and spirits forming a coherent if fantastic ecology, into which stumble a bunch of shipwrecked humans who have no business there, yet who try to impose their imported power structures. Shakespeare's island is a place of magic and harsh reality, which by virtue of being observed by humans becomes also a place of artifice.

There is no such thing as a non-cultural view of the Galápagos – only views that are more or less informed and nuanced culturally. Paulo Catrica's photographic records of buildings in the Galápagos provide eloquent testimony to this: poignant portraits of half-built structures that struggle to establish themselves and yet betray lovingly imported architectural references and cultural aspirations.

Humans have always used this magical laboratory for their own immediate purposes: harvesting its natural resources, whether whales, tortoises or sea cucumbers, until there were hardly any left to harvest; strategically siting a US airbase to keep an eye on the Pacific and guard the Panama Canal; even providing a Robinson Crusoe-like hideaway from Nazi Germany, as in the case of the Angermeyer family in the late 1930s. Yet the functional and fictional overlap and feed each other. Dreams have a function in sorting the mass of data and emotions in our minds; visual art, literature, music, other forms of representation and interpretation similarly help shape understanding (and therefore behaviour) around complex social relationships. Marcus Coates' video *Human Report*, originally made during his stay in Santa Cruz in 2008 and broadcast on Galápagos television, made this clear by turning the tables, with the artist dressing up crudely as a blue-footed booby, visiting the human population in an attempt to comprehend their strange habits.

Many of the visiting artists were quite happy to work on levels that crossed the realms of imagination and specific function. Alexis Deacon, for example, thought it perfectly natural to offer his consummate skills as a draughtsman to help with marketing material CDF produced during his stay there. Jyll Bradley, in exchange for the botanical scientists' openness to her line of artistic enquiry around the encouragement of endemic plant species, offered to make her photographic work available for the scientists' publications



Alison Turnbull, *Nature is Life. Look After it.*, 2011 (pormenor | detail)
Cortesia do artista e da Matt's Gallery, Londres
Courtesy of the artist and Matt's Gallery, London

and communications programme. Marcus Coates' short film, improvised soon after his arrival in Puerto Ayora and broadcast during his stay, was both a powerful community engagement and a self-contained work of art. Kaffe Matthews, after diving with hammerhead sharks to explore her ideas around shark tracking and sonification, conducted educational workshops with young people on Isabela Island that helped demystify a subject of local fear and lack of knowledge.

Ruth Jarman and Joe Gerhardt of Semiconductor regularly work alongside scientists and fluently reference different scientific disciplines (in their Galápagos work, mainly geophysics). Their range of enquiry offers a clue to the cross-disciplinary parallels this essay has proposed. The behaviour of protons and neutrons is generally explained through physics; that of cells and animals through biology; that of humans through social sciences like psychology, sociology or economics. Surely at some level there is a connection and a common bond that neither trivialises the integrity of human action nor anthropomorphises other forms of consequential behaviour. The Galápagos, the laboratory of nature, shows us how human behaviour is an intrinsic part of the nature it impacts so forcefully. Artistic practice can exist on a spectrum from, let's say, private intuition to overt propaganda – either way it's a tool for understanding, useful only insofar as it is skilfully and thoughtfully employed. The survival or destruction of the Galápagos, and the wider world of which it is such an emblematic microcosm, will depend on how the cumulative thoughts and actions of humans – as individuals, communities, nations and interest groups – can combine to make our species' place in it ultimately sustainable.

Greg Hilty

Excerpt of the text published in the catalogue of the exhibition: *Galápagos*, London: Calouste Gulbenkian Foundation, UK Branch, 2012.



Tania Kovats, *Badger*, 2012
Cortesia da artista | Courtesy of the artist



Dorothy Cross, *Whale Crawford Gallery Cork*, 2011
Cortesia da artista e da Galeria Frith Street
Courtesy of the artist and Frith Street Gallery

EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

Curadoria
Curator
Bergit Arends
Greg Hilty

Arquitetura
Architecture
Carmody Groarke

Coordenação Técnica
Technical Co-ordination
Cristina Sena da Fonseca

Produção e Coordenação
Production and Co-ordination
Angela McSherry
Rita Lopes Ferreira
Matilde Corrêa Mendes

Secretariado
Assistants
Alice Carey
Ivone Massapina Pinto
Rosário Lourenço

Equipa de Montagem
Construction Crew
Carlos Catarino
Carlos Gonçalves
José António Nunes de Oliveira

Design Gráfico
Graphic Design
Carmody Groarke
Pedro Leitão

Instalação Gráfica
Graphic Installation
Paulo Santos

Serviços Centrais da FCG
FCG Centralized Services

Audiovisuais
Audiovisual Materials
Clemente Cuba
Jorge Gonçalves
José Gouveia
Paulo Baía
Pedro Antunes
Tiago Jónatas

Luminotecnia
Lighting
Manuel Mileu

Transportes e Apoios Diversos
Transport and Other Services
Paulo Gregório

Parceiros
Exhibition Partners
The Bluecoat, Liverpool, Inglaterra | England
The Fruitmarket Gallery, Edimburgo |
Edinburgh, Escócia | Scotland

CAM - Fundação Calouste Gulbenkian
Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisboa | Tel: 21 782 34 74
De terça a domingo das 10 às 18 horas
Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisbon | Tel: +351 21 782 34 74
Tuesdays through Sundays 10 am - 6pm

CADERNO DO CAM | CAM BOOKLET

Coordenação | Co-ordination
Patrícia Rosas
Texto | Text
Greg Hilty
Tradução | Translation
Rui Esteves
Design | Graphic Design
Pedro Leitão
Impressão | Printing
Jorge Fernandes, Lda. - Artes Gráficas
Depósito Legal | Legal Deposit

ISBN: 978-972-635-272-3
Abril 2013 | April 2013

VISITAS | GALLERY TALKS

À conversa com os artistas e curadores
19 abril. (sexta-feira) às 17h00

Com os curadores Bergit Arends e Greg Hilty e os artistas Jyll Bradley, Paulo Catrica, Marcus Coates, Dorothy Cross, Filipa César, Alexis Deacon, Jeremy Deller, Tania Kovats, Kaffe Matthews, Semiconductor e Alison Turnbull

Domingos com arte
28 abril, 19 maio, 8 junho e 7 julho (domingo) às 12h00
Por Susana Anágua

Pontes entre exposições
19 maio (domingo) às 12h00 e às 15h00
Por Susana Anágua

Uma obra de arte à hora de almoço
17 maio (sexta-feira) às 13h15
Mfc483/8, La Cascada de Paulo Catrica
Por Susana Anágua

6 junho (sexta-feira) às 13h15
Nature is Life. Look after it de Alison Turnbull
Por Susana Anágua

5 julho (sexta-feira) às 13h15
Blue-footed booby de Marcus Coates
Por Susana Anágua

CURSOS
4, 11 (10h00-17h30) e 12 maio (10h00-13h00)
Técnicas artísticas para não-artistas –
Práticas criativas e ferramentas pedagógicas
Experiências videográficas: gravar, editar
e levar para casa
Orientação:
Susana Anágua, Ana João Romana
e Maria João Carvalho

Visitas para escolas e grupos organizados,
oficinas criativas para jovens e famílias
The education department provides group
gallery talks in English by appointment

Marcações | Booking / Informações | Information
Descobrir – Programa Gulbenkian Educação
para a Cultura e Ciência
Tel. | Phone. +351 21 782 38 00
descobrir.marcacoes@gulbenkian.pt
www.descobrir.gulbenkian.pt

CATÁLOGO | CATALOGUE



Galápagos

Fundação Calouste Gulbenkian, UK Branch, Londres, 2012

Textos de | Texts by

Bergit Arends

Felipe Cruz & Toni Darton

Siân Ede

Richard Fortey

Greg Hilty

128 pp. | 13,75€

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES UPCOMING EXHIBITIONS

Sob o Signo de Amadeo

Um Século de Arte

Under the Sign of Amadeo

A Century of Art

26 de Julho de 2013 a Janeiro de 2014

26 July 2013 to January 2014

Todas as galerias do **CAM**

All galleries at **CAM**

VISITE A COLEÇÃO DO **CAM** EM
EXPLORE **CAM**'S COLLECTION AT

www.cam.gulbenkian.pt

Jyll Bradley, *Audiences*, Galápagos, 2012

Cortesia do artista e da Galeria Mummery + Schnelle, Londres

Courtesy of the artist and Mummery + Schnelle, London